

## APROPRIAÇÃO PRIVADA *VERSUS* RESISTÊNCIA POPULAR: DISPUTAS EM TORNO DA REFORMA DO MARACANÃ

### **Glauco Bienenstein**

Professor Associado IV da Escola de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (EAU-UFF), líder do grupo de pesquisa Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbano (GPDU-UFF) - glaucob01@gmail.com

### **Rosane Rebeca de Oliveira Santos**

Mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), integrante do grupo de pesquisa Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbano (GPDU-UFF) - rosanerebeca@gmail.com

### **Felipe Carvalho Nin Ferreira**

Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal Fluminense (EAU-UFF) - felipeninferreira@gmail.com

### **Natália Burlamaqui Soares Pereira**

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Fluminense (EAU-UFF) - nataliabsp@gmail.com

### **Mariana do Carmo Lins**

Geógrafa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - maric\_lins@hotmail.com

## **Introdução**

É inegável a centralidade do estádio Mário Filho, Maracanã, no contexto do atual processo de adaptação da cidade do Rio de Janeiro aos megaeventos esportivos que se propôs a sediar.

Palco e cenário de alegrias e tristezas, ao longo de sua história, o Maracanã vem, no plano das representações, se materializando como uma das marcas registradas da cidade, notadamente, quando nos remetemos à prática do futebol. Ao longo dos seus 64 anos, o referido estádio tem corporificado um dos mais importantes locais onde um conjunto de paixões e emoções coletivas são ali experimentadas, conferindo-lhe expressiva singularidade na escala local, nacional e internacional.

Esse patrimônio material e simbólico da cidade experimentou uma contundente transformação, que visou adequá-lo à Copa de 2014. Além da reforma do estádio propriamente dito, houve também a concessão à iniciativa privada de todo o complexo esportivo, incluindo, o Parque Aquático Júlio Delamare, o Estádio de Atletismo Célio de Barros e o Maracanãzinho. O destino de tais equipamentos assim como o da Escola Municipal

Friedenreich, localizada nas suas adjacências ainda é incerto, apesar das diversas manifestações voltadas a garantirem sua preservação integral e a serviço da comunidade.<sup>1</sup> Ao que parece, o conjunto formado por tais equipamentos segue sem um futuro definido quanto a sua utilização por atletas e frequentadores, bem como com relação ao projeto definitivo das suas instalações, que ainda irão passar por modificações cujas ordens de justificação têm acionado, principalmente, a necessidade de modernização e/ou de adaptação às exigências e demandas do Comitê Olímpico Internacional (COI), relativas à realização dos Jogos Olímpicos de 2016.

Este trabalho busca analisar não somente as ordens de justificação relativas ao projeto de adequação do estádio Mário Filho (Maracanã) à Copa de 2014, como também verificar e refletir sobre alguns dos seus impactos, arquitetônicos, urbanos e simbólicos, numa construção tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, IPHAN.

Desse modo, além desta introdução, da nota metodológica preliminar e das considerações finais, o trabalho apresenta: (I) Algumas notas sobre a história do Maracanã, cujo objetivo é fornecer alguns importantes elementos ao longo dos seus 64 anos de existência, e (II) Uma crônica entrelaçada que articula a dimensão arquitetônico-urbanística, onde são analisadas rupturas relacionadas à arquitetura enquanto patrimônio, assim como nas intervenções no entorno urbano e dos equipamentos que constituem o complexo esportivo, e a dimensão simbólica, por meio da qual busca-se, de forma resumida, compreender as disputas entre diferentes agentes, seus interesses e representações, que marcam a construção de um símbolo, tal qual o é o estádio em questão, e quais efeitos a transformação material de seu espaço tem sobre seu sentido imaterial, sua essência e apropriação.

### **Nota Metodológica Preliminar**

Para a análise das dimensões aqui delineadas, incorporou-se diferentes fontes de informações, tais como: o acompanhamento em periódicos e mídias de maior circulação, mídias alternativas e sítios eletrônicos, por intermédio dos quais buscou-se captar o que se denomina “flagrantes do objeto em processo”, no caso, as intervenções em curso durante a obra de adequação do Maracanã; entrevistas com atores/observadores privilegiados; a consulta a diferentes publicações específicas sobre o tema; visitas de campo; além da análise da documentação existente no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a

---

<sup>1</sup> Outra instalação vizinha ao estádio, a Aldeia Maracanã, uma ocupação do antigo Museu do Índio por diversas etnias desde o ano de 2006, foi removida em março de 2013.

respeito do processo de tombamento do Maracanã. A orientação geral adotada nesses procedimentos foi buscar desvelar não somente aspectos físicos relativos às intervenções aqui estudadas, como também identificar elementos das disputas simbólicas pelos sentidos atribuídos ao estádio, bem como argumentos acionados na defesa e na contestação tanto da sua construção, quanto das suas sucessivas reformas, principalmente a mais recente, para o Mundial de 2014.

Vale ainda destacar que, considerando que as reflexões aqui brevemente apresentadas emergiram durante o processo de reforma do estádio e da realização da Copa das Confederações, em 2013, e da Copa do Mundo, em 2014, houve grande dificuldade de acesso a informações mais precisas, pois, em muitos casos, elas ainda estavam sendo produzidas e consolidadas pelos órgãos e instituições responsáveis. No entanto, durante esse período a cobertura dos meios de comunicação a respeito da preparação do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014 foi intensa e se constituiu em um material muito rico para análise multidimensional utilizada como importante recurso metodológico da pesquisa.

### **Notas para a História do Maracanã**

O Maracanã é um símbolo. E a compreensão da aura carregada de valores que paira sobre o estádio passa pela análise do seu contexto histórico e social, de sua trajetória como palco do futebol, esporte transformado em “marca registrada” do país.

Como mostra a literatura, o futebol foi introduzido e difundido no Brasil pelos ingleses (MOURA, 1998), mas logo adquiriu popularidade e características muito particulares nos pés dos brasileiros:

*“Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e outros europeus jogado tão angulosamente, parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e sociólogos o mulatismo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.” (FREYRE, 1945 In MOURA, 1998, p.21).*

Esse “estilo” de se jogar futebol, atribuído à miscigenação aqui marcante, ou como o autor chama “mulatismo”, começou a se destacar e surpreendeu o resto do mundo em

1938, na terceira Copa realizada (MOURA, 1998). A partir de então, o Brasil procuraria dar expressão a sua cultura através do futebol.

Buscando afirmação enquanto nação que almejava se inserir no cenário mundial, o país se candidata à sede do IV Campeonato do Mundo de Futebol, que viria a acontecer em 1950. Ao obter o direito de abrigar o evento surge a grande questão da época: “*É preciso construir um estádio novo, moderno e grande para abrigar o público que vai assistir aos jogos – ordenou o manda-chuva do futebol mundial (...)*” (MOTTA, 2013).

A ideia de construir tal equipamento trouxe consigo questões e dilemas: alguns acionavam noções de modernização e de capacidade técnica como demonstrativo dos avanços da engenharia e da arquitetura brasileiras, que revestiam as representações de uma nação que buscava um lugar no cenário emergente do pós-guerra e, por outro lado, muitos viam tal empreitada como algo desprovido de sentido, à medida que, para eles, urgia a necessidade de se investir recursos públicos num outro conjunto de iniciativas, especialmente aquelas voltadas à educação e à saúde.

No grupo dos defensores da construção do estádio estavam os jornalistas do Jornal dos Sports<sup>2</sup>, como demonstra uma das respostas dadas por Vargas Netto, na matéria “A discussão do povo” (10 de junho de 1947), à declaração de um médico que dizia ser mais necessária a construção de escolas e hospitais:

*“Não fale em escola e hospital diante dos moleques das peladas nem dos marmanjos da torcida. Pode ser uma necessidade, mas é sempre uma lembrança triste... Não sou contra o seu pedido! Sou a favor! Quero que o senhor também seja a favor dos estádios. Pode bem ser que se tornem menos necessários os hospitais!”* (MOURA, 1998: 28).

Curioso perceber que discussão semelhante veio à tona à época em que se divulgavam os projetos para a Copa do Mundo de 2014. Durante uma entrevista coletiva, ao ser interpelado acerca dos gastos públicos excessivos, o ex-jogador Ronaldo, então membro do COL (Comitê Organizador Local), declarou: “*(...) sem estádio, não se faz Copa do Mundo, amigo! Não se faz Copa do Mundo com hospital.*”<sup>3</sup>

Contudo, desta vez, no caso do Maracanã, a discussão não se limitava à questão da destinação de recursos públicos, embora ela tenha sido amplamente colocada<sup>4</sup>, mas

<sup>2</sup> Seu presidente era o jornalista Mário Filho, que atuou no campo esportivo desde 1927, foi diretor da página de esportes do jornal “O Globo” de 1931 a 1936, quando comprou o Jornal dos Sports. Foi um dos mais fervorosos defensores da construção do Maracanã (MOURA, 1998).

<sup>3</sup> Fonte: “Ronaldo diz: Não se faz copa do mundo com hospital”. Disponível em: <http://www.youtube.com/>, acessado em 15/02/2014.

<sup>4</sup> Vale lembrar que, embora tenha-se divulgado que os recursos para a reforma seriam privados, foram, na realidade, em larga medida provenientes de fundos públicos. Disponível em: <<http://www.suderj.rj.gov.br/maracana.asp>> (Acessado dia

também em torno das repercussões que a sua reforma provocaria tanto na escala urbana, como na sua integridade como rico, datado e tombado exemplar das possibilidades da arquitetura e da engenharia brasileiras.

Do projeto original, cuja construção se inicia em 1948, constava o seguinte programa:

1. Piscinas com arquibancadas para 25 000 pessoas;
2. Tanque para salto;
3. Ginásio pra basquete, vôlei e outros jogos, com capacidade para 20 000 pessoas, ampliada para 25 000 quando adaptada para o boxe;
4. Quadra descoberta para basquete com arquibancada para 10 000 pessoas;
5. Stand de tiro
6. Estádio de atletismo com pista de corrida regulamentar, caixas de saltos, locais para lançamentos de dardo, peso, disco e martelo;
7. Parque de recreação infantil para 500 crianças;
8. Concha acústica;
9. Estádio de futebol de forma elipsoide, com capacidade para 150 000 pessoas, assim distribuídos: 500 na tribuna, 2 000 para convidados especiais, 30 000 cadeiras especiais, 87 500 nas arquibancadas e o restante em pé.

Dentre estes itens do programa de necessidades originalmente traçado, somente o estádio de futebol foi inaugurado em 1950. Os demais equipamentos só ficaram prontos cerca de 15 anos depois, sendo que a quadra de basquete, o stand de tiros e a concha acústica não foram construídos.

O “gigante de concreto” foi então palco dos jogos da IV Copa do Mundo e de seu desfecho trágico para os brasileiros: a histórica derrota da seleção brasileira para o Uruguai. Apesar da amarga frustração que se abateu sobre os brasileiros à época, ela não foi suficiente para comprometer a paixão pelo futebol. Ao contrário, desde então o Maracanã consagrou-se como o principal palco de grandes momentos desse esporte, que tem sido, progressivamente associado a um sentimento cívico, constituinte do *ethos* da brasilidade. Também por isso o estádio tornou-se locus de manifestações populares, transformando-se num símbolo do pluralismo cultural e do encontro democrático das diferentes classes sociais.

### *Breve Cronologia das Intervenções*

No ano de 1983, mais precisamente em uma partida entre Brasil e Argentina, o secretário do Ministério da Educação e Cultura, MEC, presente ao evento, ao notar o péssimo estado do gramado e de toda a conservação do Maracanã, encaminhou a sugestão do seu tombamento junto ao antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, SPHAN alegando que: “/.../ o Maracanã é um símbolo sociológico marcante no pluralismo cultural brasileiro, sendo necessário preservar e salvar o palco maior da alegria do povo.”<sup>5</sup>

Estes e outros aspectos simbólicos foram reforçados na defesa de seu tombamento por parte de diversos atores, destacando-se seu caráter popular e democrático:

*“O exame da documentação apontada apenas confirma o que é de conhecimento público: a extraordinária monumentalidade do estádio Mario Filho e seu valor simbólico para quase a totalidade do povo brasileiro (...).*

*O Urbanismo e a Arquitetura (sobretudo as obras de uso coletivo) têm uma dimensão simbólica, que ultrapassa os limites dos aspectos utilitários. Mas poucas vezes a monumentalidade reúne qualidades simbólicas de caráter democrático. Em geral, as obras monumentais são afirmações de poder sobre o povo. Neste caso, ocorre o contrário. O Maracanã tem a monumentalidade da massa que o utiliza, a qual representa. Não deve ser descaracterizado.”* (Parecer de Nestor Goulart Reis Filho, sobre o tombamento - II Volume do Processo de tombamento nº 1094-T-83 RJ-003, 2000).

Esta discussão, no entanto, se estendeu por longa data, ao passo que foi tombado somente em dezembro de 2000, tendo passado por diversas intervenções, não apenas no período anterior ao tombamento, mas também, e paradoxalmente, posterior a esse.

À época da primeira proposta de tombamento (1983), o estádio sofreu as seguintes modificações: elevação do piso da geral em 25 cm e reforço estrutural da arquibancada.<sup>6</sup>

Em 1993, cerca de 1 ano após um acidente em que morreram 3 pessoas por conta da queda de um trecho do guarda-corpo, a *Fédération Internationale de Football Association*, FIFA, determina que o estádio fosse adequado para a realização do jogo entre Brasil e Uruguai pelas eliminatórias da copa de 1994.

Em 1999, durante o governo Anthony Garotinho (1999-2002), a partir de exigências da FIFA para a realização do Mundial de Clubes de 2000, foi sugerido um projeto

<sup>5</sup> "MEC sugere o tombamento do Estádio Mario Filho". In: *Jornal dos Sports*, 24/09/1983.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/especial-maracana/3-descaso-e-abandono.html> Acesso em: 05/12/14.

de modernização do Maracanã que, além da modernização de suas instalações físicas (envolvendo a construção de um museu, centro de convenções, cinemas, teatros, restaurantes, além da promessa de mais conforto e segurança para o torcedor), incluía a ideia de transferi-lo para a iniciativa privada.

Houve ainda intervenções visando a realização dos Jogos Pan-Americanos de 2007. As principais modificações à época foram: a divisão da arquibancada nos setores verde, amarelo, branco e nas cadeiras especiais azuis (que foram ampliadas), cabines novas para a imprensa, a construção do Hall da Fama e dos camarotes na parte de cima das arquibancadas, além da recuperação das estruturas das rampas de acesso e marquises. Tal reforma custou cerca de R\$106 milhões e o Maracanã perdeu o status de maior estádio do mundo em capacidade, de aproximadamente 200.000 espectadores para 103.022<sup>7</sup>. Vale destacar que de todas essas modificações, a mais significativa e mais polêmica, foi a supressão da geral, área emblemática, que ficava mais próxima ao campo, e cujos ingressos eram vendidos a preços mais populares, sob a alegação de serem proibidos, pela FIFA, assistentes de pé durante jogos oficiais internacionais.<sup>8</sup>

Por fim, houve a reforma para a Copa de 2014, que pelo grau de intervenção num bem tombado pelo IPHAN, e também por levar a cabo a proposta de sua concessão à iniciativa privada, suscitou intensas discussões.

De acordo com diversas manchetes veiculadas nos meios de maior circulação, um dos argumentos utilizados para justificar a reforma do Maracanã era que o estádio ainda não atendia aos padrões estabelecidos pela FIFA, mencionados, de acordo com o Caderno de Encargos entregues pela entidade às cidades-sede, como sendo: cadeiras numeradas, mais vagas de estacionamento, acessos mais amplos para evacuação do público em até oito minutos, aumento da visibilidade com a eliminação dos chamados “pontos cegos”, sistema integrado de monitoramento e segurança, dentre outras características que aproximariam o Maracanã dos estádios europeus.

O projeto vencedor da concorrência pública, do escritório Fernandes Arquitetos Associados, tinha como referência o que ficou conhecido como “padrão FIFA”, que por sua vez acompanhava o desenvolvimento das obras e a certificação de que tudo estaria dentro do estabelecido. Porém, a partir do laudo emitido por técnicos contratados pelo governo do estado do Rio de Janeiro, que afirmava que a estrutura da marquise que cobria as

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.netvasco.com.br/mauoprais/futrio/maracana.html>> Acesso em: 05/12/14.

<sup>8</sup> Matéria “Maracanã: destruir ou preservar”, por Claudia Girão, em fevereiro de 2012. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/12.133/4225>, acessado em 18/06/2014.

arquibancadas estava completamente comprometida e que a sua restauração demoraria mais tempo do que havia sido previsto para a obra, o que levaria o estádio a não estar pronto para a Copa das Confederações de 2013, conforme acordo firmado com a FIFA, acarretou na sua demolição e substituição por uma lona tensionada. O IPHAN foi então acionado, iniciando a discussão em torno do tombamento de todo o complexo do Maracanã, discussão essa que se estende até hoje.

Além disso, o projeto apresentado previa a demolição do estádio de atletismo Célio de Barros, do parque aquático Júlio Delamare, além da escola municipal Friedenreich e do prédio do antigo museu do índio, ocupado pelo movimento indígena intitulado “Aldeia Maracanã”. A principal justificativa acionada para tamanha intervenção se baseou na necessidade de construção de estacionamentos e um shopping center, que fariam com que o estádio atendesse as exigências da FIFA por vagas, além de se tornar um importante atrativo comercial para que a iniciativa privada finalmente se interessasse pela concessão.

Tais propostas, além de outros impactos no entorno urbano do estádio, despertaram embates acirrados, promovidos por movimentos sociais e manifestações públicas, que aliadas às chamadas “jornadas de junho”, culminaram no recuo do Governo na decisão de demolição dos referidos equipamentos do complexo esportivo.

### **Maracanã: crônicas (entrelaçadas) de uma morte anunciada**

*"Quem jogou antes, jogou. Agora é outro estádio. Parece que nem é o Maracanã"<sup>9</sup>*

O resultado das sucessivas modificações que o equipamento vem sofrendo, sejam elas concretas ou subjetivas, foi: (I) a polêmica sobre o tombamento vis-à-vis a reforma propriamente dita,<sup>10</sup> (II) a vertiginosa elitização e a consequente exclusão de uma significativa parcela da população de vivenciar as emoções de um esporte que no Brasil faz parte da cultura e do cotidiano dos cidadãos;<sup>11</sup> e (III) A concessão do complexo à iniciativa privada, relativizando o caráter efetivamente público de um importante e complexo equipamento, com intenso uso social.

<sup>9</sup> Zagueiro Thiago Silva, em entrevista ao “Terra”, em 03/06/2013. Fonte: <http://esportes.terra.com.br/brasil/thiago-silva-elogia-maracana-mas-admite-agora-e-outro->, acessado em fevereiro de 2014.

<sup>10</sup> O material coletado sobre tal polêmica durante pesquisa realizada ao longo do ano de 2013 e 2014, em muito extrapola os limites deste artigo.

<sup>11</sup> Notório é o vertiginoso aumento do preço dos ingressos e uma mudança radical no perfil do público que passou a frequentar o Maracanã. Os ingressos mais baratos hoje estão na faixa de R\$40,00, o que torna praticamente inviável a presença de pessoas das classes mais baixas, que agora são obrigadas a ver o Maracanã apenas pela televisão.



A adequação do Maracanã também repercutiu no seu entorno. Faziam parte da urbanização prevista no projeto de integração e valorização de seus arredores o prédio histórico do já mencionado antigo Museu do Índio (ocupado desde 2006 por diversas etnias cuja experiência configurou a chamada Aldeia Maracanã), o complexo esportivo e todo o entorno imediato a esse.

O resultado foi que, em 2010, os moradores da favela Metrô-Mangueira começaram a ser removidos e reassentados, parte em um condomínio em Cosmos, bairro localizado a cerca de 70 km dali, e parte nos condomínios Mangueira I e II do Programa Minha Casa Minha Vida, localizados próximos à comunidade. Além disso, no ano de 2011, as Polícias Militar e Civil ocupam a favela da Mangueira e instalam a 18ª Unidade de Polícia Pacificadora.

Também estavam previstas duas passarelas: uma ligando a estação Maracanã do metrô com o outro lado da linha férrea da “Supervia”, que facilitou o acesso dos moradores do Morro da Mangueira a esse meio de transporte, e uma segunda, ligando o Maracanã à Quinta da Boa Vista. Vale ressaltar que a ideia original dessa passarela era uma construção cuja escala, indicava tratar-se de uma “Praçarella”. Todavia, tal opção foi descartada devidos aos seus custos.

Em 2012, a mídia divulgou a demolição da Escola Municipal Friedenreich, do Estádio de Atletismo Célio de Barros, do Parque Aquático Júlio Delamare e do prédio histórico do antigo Museu do Índio. É lançada, então, a Campanha “O Maraca é Nosso! - pela imediata anulação da privatização do Maracanã” pelo Comitê Popular da Copa e Olimpíadas, e em meio aos constantes protestos de junho de 2013, e o grito de “Não vai ter Copa!” que também emergiu das ruas para reivindicar como prioridades de investimento público as demandas sociais, o Governo do Estado abriu mão das demolições, mantendo, todavia, a privatização do complexo esportivo.

Conforme indicado anteriormente, a questão relativa ao patrimônio materializou um dos maiores conflitos em torno da reforma, por conta da substituição da marquise de concreto armado por uma de lona tensionada. De acordo com um parecer emitido em 2011 pelo ex-superintendente regional do IPHAN no Rio de Janeiro, Carlos Fernando de Souza Leão Andrade, dizia-se necessária esta intervenção em razão das péssimas condições estruturais da cobertura original, que mostrou-se “irremediavelmente condenada, conforme laudos exarados por técnicos de ilibada reputação”<sup>12</sup>. Neste mesmo documento, ainda

---

<sup>12</sup> Ofício GAB/IPHAN-RJ/nº0426/11, Prot.nº01500.001433/11-75, de 04/04/2011.

acrescentou-se que, do ponto de vista etnográfico, principal aspecto de tombamento do estádio<sup>13</sup>, ter acabado com a geral foi mais grave do que a substituição da marquise que se pretendia realizar, pois mais importante do que preservar a estrutura física/material do estádio, era garantir que as partidas do Mundial de 2014 acontecessem nele, levando em conta o seu caráter simbólico para o futebol e para o povo. Além disso, as preocupações relativas aos prazos, caso a cobertura original fosse restaurada, também contribuiu para tal decisão.

Desse modo, a modificação de um bem tombado pelo IPHAN e de indiscutível relevância para arquitetura moderna brasileira, levanta a seguinte questão: qual o significado de se tomar o patrimônio arquitetônico do período modernista, composto essencialmente de estruturas de concreto armado se, no momento de restaurá-las e valorizá-las enquanto monumentos arquitetônicos, são substituídas as estruturas originais, modificando essencialmente, tanto sua estética, como sua composição estrutural?<sup>14</sup>

Assim, diante dos diferentes argumentos acionados para justificar a “modernização”, para aqueles que defenderam a reforma do estádio, ou a “descaracterização” para os que a contestam, fica claro que a discussão precisa ir além dos aspectos puramente formais ou de ordem estritamente técnica, pois o fato é que a transformação material do espaço tem rebatimento direto no seu sentido simbólico, na essência do lugar e sua apropriação.

Além disso, não se tratou apenas da substituição de sua marquise: o Novo Maracanã, como tem sido chamado, foi totalmente reformulado, ficando com sua capacidade reduzida para 79 mil espectadores. O que se vê, conforme afirma Ícaro Moreno Júnior, engenheiro responsável pela obra, é um estádio totalmente novo, em formato de arena.

*“Aquele estádio só para ver o jogo está acabando. Tem que ter um estádio com outras atrações. A pessoa vai almoçar, visitar o museu, passear (...). Enfim, ter um domingo de atividades num complexo deste tamanho. O jogo não é tudo. Compõe uma parte. O tudo é o domingo com as alternativas que uma arena propicia”* (EMOP, 2013, p. 5)

Esta concepção de um “espaço de entretenimento” e de “cultura como espetáculo”, tão caras à agenda das cidades transformadas em mercadorias (cf. ARANTES, 2000, SÁNCHEZ, 2013, MASCARENHAS, 2014) foi questionada por organizações da sociedade civil, que alegaram que o estádio, por esse viés, perdeu os sentidos de uso, tendo

<sup>13</sup> Alega-se que o estádio fora inscrito apenas no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, e não no Livro de Tombo Histórico e nem no de Belas Artes.

<sup>14</sup> Esta indicação foi retirada da intervenção do conselheiro do IPHAN, Sr. Eugênio de Ávila Lins, presente na ata da 68ª Reunião do conselho consultivo do Patrimônio Cultural (do IPHAN).

reforçado seu valor de troca. O futebol é reduzido a espetáculo urbano a ser mercantilizado. Está em curso um processo de elitização, de espetacularização, que tem um público alvo bem específico: aquele que é capaz de pagar e reproduzir a lógica mercantil, além, é claro, da audiência mundial, reduzindo a experiência coletiva e social ao consumo como um fim.

A destruição das arquibancadas com a construção de outra, única, o aumento da área de camarotes e áreas “Vips” para um público de maior poder aquisitivo, a separação do público em um número maior de setores que impedem a circulação das pessoas ao redor de todo o estádio, a instalação de 4 telões (98m<sup>2</sup> cada) de alta definição, além de todo um conjunto de elementos que, ao que parece, tem acarretado numa considerável mudança tanto no perfil (socioeconômico) do público que passou a frequentar o Maracanã.

Há também a tentativa de moldar o comportamento das torcidas. Uma campanha pelo “uso adequado” do espaço forja uma nova distinção social (BOURDIEU, 1989; 2007) entre aqueles que iriam passar a frequentar o estádio e os seus antigos e desordeiros frequentadores. Uma desejada atitude de torcedor em sintonia aos padrões globais é produzida junto à arquitetura do novo espaço e correlata ordenação social. A restrição de portabilidade de inúmeros objetos e adereços, como por exemplo, faixas, cartazes, camisas ou qualquer outra coisa que exponha algum conteúdo político, além de imposições severas de comportamento pelo constrangimento da vigilância de múltiplas câmeras e agentes de segurança, faz parte do novo “termo de conduta” elaborado pela concessionária responsável pela administração do estádio:

*“Entre as regras, será proibido torcer em pé e entrar sem camisa no estádio. Outro veto estudado seria a instrumentos de percussão, bandeiras com bambus e gigantescos bandeirões.”* (João Borba, presidente do Complexo Maracanã Entretenimento S.A, em entrevista ao RJTV, em 11/07/2013)

Devido a um grande movimento de críticas por parte dos torcedores, o presidente do consórcio se viu obrigado a rever alguns pontos, e após várias reuniões entre a Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ), o Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (Gepe) e a Suderj, a entrada de instrumentos musicais, bandeiras com mastro e faixas foram liberadas em julho de 2013<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> “Aval para instrumentos e bandeiras no Maracanã será assinado na quinta”, Globo Esporte, por Edgard Maciel de Sá, em 17/07/2013.

## Considerações finais

Toda a história do Maracanã revela disputas, desde a época da discussão em torno da real necessidade de sua construção, depois se deveria ser tombado ou não, uma vez tombado, o que de fato deveria ser preservado e o que precisava ser modernizado, até os dias atuais com o questionamento sobre o elevado investimento de recursos públicos e o modelo de concessão empregados em sua reforma e modernização para a Copa do Mundo de 2014. Estas disputas referem-se a sua apropriação por parte de diferentes grupos, cada qual construindo seus próprios argumentos na defesa de seus interesses.

Se por um lado, o discurso legitimador do projeto do “Novo Maracanã”, valeu-se de argumentos como a necessidade de cumprir com responsabilidades assumidas junto à FIFA, por outro lado, eclodiram denúncias sobre a descaracterização arquitetônica do edifício, como um bem público a ser preservado, e sobre como estas alterações têm rebatido diretamente na relação dos seus usuários mais tradicionais com o espaço.

A extinção da “geral”, a diminuição gradativa da capacidade de público, a conseqüente elevação do preço dos ingressos, a criação de mais “áreas vips”, o modelo de concessão privada proposto pelo Governo e a imposição de uma “cartilha de comportamento do torcedor”, são tentativas de mudança na forma de apropriação do Maracanã, no que diz respeito ao seu consagrado caráter popular e democrático.

Ainda no que tange à dimensão arquitetônico-urbanística considera-se importante destacar que as intervenções no entorno do Maracanã parecem ter seguido o padrão de expulsão das populações de baixa renda para locais periféricos e controle social que vem sendo exercido principalmente pelas UPPs, localizadas no território de acordo com a lógica de se garantir a limpeza socioespacial necessária ao novo projeto de cidade olímpica da exceção e da exclusão que ainda se encontra em curso no Rio de Janeiro.

Além disso, no que diz respeito aos impactos na arquitetura propriamente dita, cabe indicar que houve um recuo dos parâmetros que definem um bem tombado da arquitetura brasileira moderna, uma vez que as intervenções nele realizadas ao descaracterizarem-no, sobremaneira, colocaram a questão sobre como restaurar o que ainda existe do vasto patrimônio do modernismo brasileiro. Tal recuo também aponta, do ponto de vista analítico, para as tendências destruidoras da práxis da arquitetura contemporânea, na medida em que um símbolo clara e fortemente representativo de um período da nossa arquitetura, foi submetido a uma contundente reforma, cujo conteúdo reflete uma clara cisão e desproporção entre os aspectos históricos e estéticos de uma época e os aspectos técnicos

acionados, enquanto força simbólica, para perpetrar e justificar sua adequação para a Copa de 2014.

Por fim, diante do que tem sido denominado como a “elitização” do futebol, vale lembrar os primórdios deste esporte no país: de esporte exclusivamente praticado pela elite a esporte popular. E justamente esse caráter popular que consagrou o “estilo brasileiro” de se jogar (RODRIGUES FILHO, 1994), tornando o país mundialmente conhecido pela sua habilidade futebolística. Esta mítica envolve também o Maracanã por ser seu maior ícone, por abrigar as massas que o povoaram de significados, de memória coletiva, e que agora não se veem representadas pelo “padrão europeu”.

### Referências

- ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. (2000) *A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos*. Petrópolis: Editora Vozes.
- BIENENSTEIN, G.; MESENTIER, L.; GUTERMAN, B.; TEIXEIRA, V. (2014) *A Batalha pela Preservação da Alma do Maracanã: disputas simbólicas, lutas sociais, cidade e arquitetura*. In: A Copa do Mundo e as Cidades – políticas, projetos e resistências. Fernanda Sánchez, Glauco Bienenstein, Fabricio Leal de Oliveira e Pedro Novais (organizadores). Niterói: Editora da UFF, pp.175-204.
- BIDOU-ZACHARIASEN, C. e GIGLIA, A. (2012) *Vers la ville insulaire; Tendences globales, effets locaux*. (editorial). In: *Espaces et Sociétés*, 150, num. 3.
- BONIFACE, P. (1998) *Géopolitique du football*. Paris: Editions Complexe.
- BRAILSFORD, D. (1987) *The Geography of Eighteenth Century English Spectator Sports*. In: *Sport Place, Stillwater (Oklahoma, USA)*: Black Oak Press, 1(1): 41-56.
- BROMBERGER, C. (1998) *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*. Paris Bayard Éditions.
- BOURDIEU, (1989) *O Poder Simbólico*, São Paulo, Difel.
- \_\_\_\_\_. (2007) *A Distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, Editora Zouk.
- CALDAS, V. (1990) *O Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro (1894 - 1933)*. São Paulo: IBRASA.
- COSTA, A. da S. (1987) *Football et mythe: la fonction symbolique du football a travers le presse sportive de masse*. PhD Thesis, Univ. Catholique de Louvain.
- ELIAS, N., DUNNING, E. (1985) *Quest of excitement: sport and leisure in civilizing process*. Oxford: Blackwell.

Entrevista com o engenheiro Ícaro Moreno Júnior Presidente da Empresa de Obras Públicas do Rio de Janeiro - EMOP e engenheiro responsável pelas obras do Maracanã. Entrevista concedida em 08 de outubro de 2013.

EMOP, Empresa de Obras Públicas do Estado do Rio de Janeiro.(nov. 2013) *Engenharia e Paixão*, Boletim periódico informativo. Ano 7.

FERREIRA, F. da C. (2004) *O bairro Vasco da Gama: um novo bairro, uma nova identidade?* Dissertação de Mestrado em Geografia. Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

FRÉMONT, A. (1980) *A região, espaço vivido*. Coimbra: Livraria Almedina.

GAFFNEY, C., MASCARENHAS, G. (nov, 2005 – fev.2006) *The soccer stadium as a disciplinary space*. In: Revista Esporte e Sociedade (1).

GASPAR, J. et al. (1982) *Transformações Recentes na Geografia do Futebol em Portugal*. In: Finisterra, Lisboa, 34:301-24.

GIULIANOTTI, R. (2002) *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.

GIRÃO, C. (2011) *Preservação do Maracanã, 2011*. O texto foi a base da Informação IPHAN-RJ/DITEC Nº 100/2011, Claudia Maria GIRÃO Barroso, 25.4.2011. Dados colhidos nos autos do Processo 1094-T-83, Arquivo Central do IPHAN, Rio de Janeiro.

HARVEY, D.; MARICATO, E.; ŽIŽEK, S.; DAVIS, M.(2013) et. al. *Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, São Paulo: Boitempo Editorial.

HOLLANDA, B. (2009) *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

IPHAN. *Ata da 68ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural*. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do;jsessionid=2334DBCB9331E9D7717FCF57242130F1?id=2753>, acessado em julho de 2014.

\_\_\_\_\_. Ofício GAB/IPHAN-RJ/nº0426/11, Prot.nº01500.001433/11-75, de 04/04/2011

\_\_\_\_\_. II Volume do Processo de tombamento nº 1094-T-83 RJ-003, de 04/04/2011.

JENNINGS, A; ROLNIK, R. (et al) (2014) *O Brasil em jogo: o que fica da Copa e das Olimpíadas?* São Paulo: Boitempo: Carta Maior.

MASCARENHAS, G. (2004) *Tensões e mudanças recentes na cultura e na gestão do futebol brasileiro: entre a tradicional base local e as forças do mercado*. In: GARGANTA J., OLIVEIRA, J., MURAD, M.. (Org.). *Futebol de Muitas Cores e Sabores*. Coimbra: Campo das letras, 2004. 88

- \_\_\_\_\_. (nov. 2002) *O estádio de futebol: evolução de suas formas e tendências locais*. III Simpósio Nacional de Espaço e Cultura. Rio de Janeiro, UERJ.
- \_\_\_\_\_. (jul. 1999) *O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS)*. Anos 90, Revista de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, n.11, pp.144-161.
- \_\_\_\_\_. *Semeando no deserto: a cidade e o futebol em Pierre Monbeig*. (1999 b), Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, vol. 1, pp.53-60, Rio Claro: UNESP.
- \_\_\_\_\_. *Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. (jun. 1999) Estudos Históricos, Rio de Janeiro, CPDOC (Fundação Getúlio Vargas). Número 23, pp, 17-39, junho de 1999 (c).
- MASCARENHAS, G.; RAVENEL, L.; HELLEUE, B. (2012) *Metropolização e futebol*. In: SILVA, Catia A.; LOUREIRO, Anita. RIBEIRO, Ana Clara T. (Org.). *Metrópoles: entre o global e as experiências cotidianas*. Rio de Janeiro: FAPERJ, p. 72-87.
- MASCARENHAS, Gilmar. (2014). *2014 e o desenhar conflituoso de uma nova geografia do futebol*. In: *A Copa do Mundo e as Cidades*. SÁNCHEZ, F. BIENENSTEIN, G, OLIVEIRA, F, NOVAIS. P. (Org.) Niterói, EDUFF.
- MOTTA, A. (2013). *Maracanã — a saga do mais importante templo do futebol mundial, das obras de 1948 à reforma de 2013*. In: O Globo [e-book].
- MOURA, G. de A. (1998) *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas.
- PRONI, M. W. (2000) *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia.
- RAVENEL, L. (1998) *La géographie du football en France*. Paris: Presses Universitaires de France.
- \_\_\_\_\_. (1998) *Hiérarchies urbaines, hiérarchies sportives: quand le football français s'écarte de la norme européenne*. L'Espace géographique, 4, p.339-348.
- ROCHE, J. (1969) *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- RODRIGUES FILHO, M. (1994) *O negro no futebol brasileiro*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Fim.
- SÁNCHEZ, F.; BIENENSTEIN, G.; OLIVEIRA, F.; NOVAIS, P. *A Copa do Mundo e as Cidades*. Políticas, Projetos e Resistências. Niterói, EDUFF, 2014.
- SENNETT, R. (1997) *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record.
- SHAW, D. (1987) *Fútbol y franquismo*. Madrid: Alianza editorial.

TSOUKALA, A. (2008) *Dispositifs de securité contre le hooliganisme et droits des supporters en Europe*. In T. Busset, C. Jaccoud, J.-P. Dubey, D. Malatesta (org.) *Le football à l'épreuve de la violence et de l'extrémisme*, Lausanne: Antipodes: 189-197.

VAINER, C. B. (2011) *Cidade de Exceção: reflexões a partir do Rio de Janeiro*. In: Anais do XIV Encontro da Associação Brasileira de Planejamento Urbano e Regional (ANPUR), Rio de Janeiro.

### **Outras Referências**

Programa Globo Esporte, TV Globo. 90

Visita técnica ao Estádio Mário Filho realizada em novembro de 2014.

Visitas ao entorno do Maracanã.

Entrevistas com grupos sociais atingidos, em especial, pais de alunos e professores da Escola Municipal Friedenreich.